






MUSICALIZATION AND CHILDREN'S MUSIC THERAPY: AN ANALYSIS OF ITS RELEVANCE FOR THE DEVELOPMENT OF AUTISTIC CHILDREN

MUSICALIZAÇÃO E MUSICOTERAPIA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE SUA RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Emmily Tinoco Leopoldino (UENF) ¹ , Josué Luís Balbino (UENF) ² , Sinthia Moreira Silva (UENF) ³ .

Abstract - Music education and music therapy are practices that utilize music in distinct ways, but both play fundamental roles in child development, especially in the school environment. Music education is an educational process that introduces music into children's daily lives, aiming to develop cognitive, motor, emotional, and social skills. Through playful activities such as singing, playing instruments, and dancing, music education stimulates cognitive development, improving memory, concentration, and logical reasoning. Furthermore, it allows children to express their emotions, contributing to self-awareness and self-esteem, while group interaction fosters respect, empathy, and teamwork. This research aims to analyze the relevance of music therapy and music education for the development of autistic students. To conduct this study, a bibliographic review of relevant articles and books on musicalization and music therapy was conducted, using references from authors such as Oliveira (2004), Silva e Almeida (2019), Aldridge (2005) e Caldeira (2008), among others, focusing on their applications in child development and the school context. Information was collected on practices carried out in schools, as well as testimonials from educators and music therapists. The conclusion is that musicalization and music therapy are powerful tools, capable of transforming children's development in cognitive, emotional, and social aspects. Integrating these practices into the school environment enriches the educational experience and promotes an inclusive and healthy space, promoting the well-being and learning of all students.

Keywords: musicalization; music therapy; school development; child growth.

Resumo - A musicalização e a musicoterapia são práticas que utilizam a música de maneiras distintas, mas ambas desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento infantil, especialmente no ambiente escolar. A musicalização é um processo educativo que introduz a música no cotidiano das crianças, com o objetivo de desenvolver habilidades cognitivas, motoras, emocionais e sociais. Por meio de atividades lúdicas, como cantar, tocar instrumentos e dançar, a musicalização estimula o desenvolvimento cognitivo, favorecendo a memória, a concentração e o raciocínio lógico. Além disso, permite que as crianças expressem suas emoções, contribuindo para o autoconhecimento e a autoestima, enquanto a interação em grupo promove o respeito, a empatia e o trabalho em equipe. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a relevância da musicoterapia e da musicalização para o desenvolvimento de alunos autistas. Para a realização do estudo, foi feita uma revisão bibliográfica de artigos e livros relevantes

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

² Graduando em Engenharia civil pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

³ Doutora e Mestra em Cognição e Linguagem - UENF

sobre musicalização e musicoterapia, utilizando como referências os autores Oliveira (2004), Silva e Almeida (2019), Aldridge (2005) e Caldeira (2008), entre outros, com foco em suas aplicações no desenvolvimento infantil e no contexto escolar. Foram coletadas informações sobre práticas realizadas em escolas, bem como depoimentos de educadores e musicoterapeutas. Conclui-se que a musicalização e a musicoterapia são ferramentas poderosas, capazes de transformar o desenvolvimento das crianças em aspectos cognitivos, emocionais e sociais. A integração dessas práticas no ambiente escolar enriquece a experiência educacional e promove um espaço inclusivo e saudável, favorecendo o bem-estar e a aprendizagem de todos os alunos.

Palavras-chave: musicalização; musicoterapia; desenvolvimento escolar; crescimento infantil.

INTRODUÇÃO

A música desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, sendo uma linguagem universal que permite a expressão e a comunicação de emoções, pensamentos e experiências. Desde os primeiros anos de vida, ela influencia o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional das crianças, proporcionando uma forma rica de interação com o mundo. No contexto escolar, a musicalização e a musicoterapia são práticas essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos, especialmente na educação infantil, conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017).

De acordo com a BNCC, a educação musical é um importante meio de desenvolvimento das competências gerais, pois estimula a criatividade, a sensibilidade estética e a expressão de sentimentos. O documento reconhece que a música, além de ser uma forma de arte, constitui um recurso pedagógico capaz de promover habilidades como atenção, memória e coordenação motora, além de facilitar o desenvolvimento de competências socioemocionais. Na educação infantil, a música é um instrumento que auxilia na construção da identidade e na compreensão do mundo, permitindo à criança conectar-se com suas próprias emoções e com as dos outros (Brasil, 2017).

Autores como Émile Jaques-Dalcroze (1921) e Carl Orff (1978) defendem que a música, quando integrada às práticas pedagógicas, contribui significativamente para o desenvolvimento infantil. Dalcroze valoriza o uso do corpo como mediador no processo de musicalização, utilizando o movimento corporal para explorar ritmo e tempo musical. Orff, por sua vez, destaca a importância de uma abordagem que combine música, movimento e improvisação, tornando a experiência musical mais natural e envolvente para a criança. Essas práticas estão em consonância com as competências propostas pela BNCC, que incentiva a criação de ambientes de aprendizagem voltados ao desenvolvimento da sensibilidade artística, da expressão pessoal e da experimentação lúdica (Brasil, 2017).

Além disso, a musicoterapia, como discutem autores como David Aldridge (2005) e Helena de S. A. Oliveira (2004), pode ser utilizada como uma estratégia complementar no ambiente escolar, oferecendo suporte emocional e social às crianças. Essa prática permite o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como o controle da ansiedade, o fortalecimento da autoestima e a capacidade de trabalhar em grupo - aspectos amplamente valorizados pela BNCC nas competências socioemocionais (Brasil, 2017).

No ambiente escolar, musicalização e musicoterapia revelam-se indispensáveis para promover uma educação integral, que vai além do desempenho acadêmico, englobando também o crescimento emocional e social das crianças. O professor, orientado pelos princípios da BNCC, deve incorporar a música de forma consciente e estruturada em suas práticas pedagógicas, não apenas como entretenimento, mas como uma ferramenta poderosa para estimular a criatividade, a imaginação e a cooperação entre os alunos.

Portanto, ao alinhar a musicalização e a musicoterapia às diretrizes da BNCC, promove-se um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e transformador, no qual a música não apenas educa, mas

também contribui para a formação de cidadãos mais críticos, criativos e emocionalmente equilibrados. Dessa forma, a música cumpre seu papel não apenas como arte, mas como linguagem pedagógica que conecta as crianças a experiências significativas, favorecendo seu desenvolvimento integral (Brasil, 2017; Jaques-Dalcroze, 1921; Orff, 1978; Aldridge, 2005; Oliveira, 2004).

1 Musicoterapia x Musicalização: entendendo as diferenças

A musicoterapia e a musicalização são duas práticas que envolvem a música, mas possuem objetivos e abordagens bastante distintos. A musicoterapia é uma forma de intervenção terapêutica que utiliza a música e seus elementos, como ritmo, melodia e harmonia, para promover saúde e bem-estar (Aldridge, 2005). Seu foco está em auxiliar pessoas com diversas necessidades, tais como transtornos mentais, dificuldades de desenvolvimento, questões emocionais ou problemas de comunicação (Aldridge, 2005; Oliveira, 2004). Essa prática é conduzida por um musicoterapeuta, profissional com formação específica em música e técnicas terapêuticas, que atua visando à melhoria da qualidade de vida do paciente nos aspectos emocionais, cognitivos, sociais e motores (Oliveira, 2004).

Por sua vez, a musicalização está mais voltada ao processo de aprendizagem e introdução ao universo musical. Tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades musicais, como ritmo, percepção sonora e coordenação motora, sem fins terapêuticos (Jaques-Dalcroze, 1921; Orff, 1978). Essa prática é comumente aplicada na infância, quando as crianças têm seus primeiros contatos com a música, embora também possa ser direcionada a adultos (Orff, 1978). O educador musical ou professor de música conduz esse processo, que busca despertar o interesse pela música e desenvolver a sensibilidade musical, sem necessariamente visar ao tratamento de questões emocionais ou de saúde (Jaques-Dalcroze, 1921).

Ainda que não tenha caráter terapêutico, a musicalização contribui para o aprimoramento da coordenação motora, introduz elementos culturais e promove a apreciação da diversidade. Já a musicoterapia, como prática clínica conduzida por profissionais especializados, atua diretamente na promoção da saúde mental e emocional das crianças, auxiliando no enfrentamento de questões como ansiedade e traumas (Wigram, 2002). Além disso, facilita a expressão verbal e não verbal - especialmente em crianças com dificuldades de comunicação - e funciona como um agente de relaxamento, ajudando a gerenciar o estresse. Por ser adaptável a diferentes habilidades, favorece a inclusão no ambiente escolar.

Segundo Brynjulf Stige (2002), a inserção da musicalização e da musicoterapia nas escolas pode enriquecer o processo de aprendizagem e o desenvolvimento emocional dos alunos. A musicalização pode ser integrada ao currículo escolar, enquanto a musicoterapia pode servir como apoio emocional para alunos que enfrentam desafios específicos. Ambas as práticas favorecem a atenção e a retenção de informações, contribuindo para um ambiente escolar mais alegre, inclusivo e colaborativo. A musicoterapia, em particular, oferece um recurso valioso para a identificação e o tratamento de questões emocionais, promovendo o bem-estar e a saúde mental.

Conforme apontam Aldridge (2005) e Oliveira (2004), a musicoterapia, quando inserida no ambiente escolar, proporciona suporte adicional ao desenvolvimento emocional e social das crianças. Esses autores destacam que, além de promover o equilíbrio emocional, essa prática fortalece os vínculos sociais. Nesse sentido, é fundamental que o professor adquira conhecimentos sobre musicalização e musicoterapia, de modo a se tornar uma referência positiva em sala de aula, propondo atividades que despertem alegria e satisfação e contribuam para o desenvolvimento integral das crianças.

Ao incorporar práticas de musicalização e musicoterapia, a criança em processo de aprendizagem pode se perceber como protagonista de seu próprio conhecimento, vivenciando momentos signifi-

cativos que conectam a música às suas experiências (Lecourt, 1994). O aprendizado musical torna-se, assim, uma atividade prazerosa, que dialoga com as vivências infantis e evita que o contato com a música seja percebido como uma obrigação, o que poderia comprometer sua função formativa.

Dessa forma, a união entre as metodologias de Jaques-Dalcroze e Orff, somada às contribuições de Aldridge e Oliveira, enriquece o desenvolvimento infantil, impactando de maneira positiva sua formação pessoal e social (Jaques-Dalcroze, 1921; Orff, 1978; Aldridge, 2005; Oliveira, 2004). A musicalização, especialmente na educação infantil, está presente desde os primeiros anos de vida e constitui um elemento fundamental na formação física, cognitiva e social dos indivíduos. Estudos apontam que a música é frequentemente utilizada, muitas vezes de forma inconsciente, em atividades rotineiras do cotidiano escolar — como organizar filas, marcar o momento do lanche ou orientar os alunos para lavar as mãos (Gainza, 1988; Penna, 2010).

Entretanto, é necessário cuidado quanto à forma como a música é inserida nessas práticas, pois, se aplicada de maneira inadequada, pode ser percebida como obrigação, e não como fonte de prazer e aprendizagem (Kodály, 1974). Desde a década de 1930, o ensino de música nas escolas tem sido objeto de debates e experimentações no cenário educacional brasileiro. Nesse contexto, destaca-se a criação da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), dirigida por Heitor Villa-Lobos, com o intuito de valorizar a educação musical nas escolas (Caldeira, 2008). O trabalho de Villa-Lobos marcou um período de grande valorização da música no ambiente escolar. No entanto, com o tempo e a ausência de renovação curricular, essa proposta foi perdendo força, sendo gradualmente substituída por outras abordagens (Caldeira, 2008).

Diversas leis e diretrizes foram instituídas ao longo das décadas para regulamentar a educação musical nas escolas. Um marco relevante foi a inclusão da “educação musical” na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que orienta os pedagogos sobre a importância de trabalhar a música de forma estruturada no contexto escolar (Brasil, 2017). Porém, foi a Constituição Federal de 1988 que conferiu à música o reconhecimento necessário para sua consolidação nas escolas. O artigo 206 garante a “liberdade de aprender, ensinar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”, e o artigo 210 estabelece que o ensino fundamental deve contemplar conteúdos mínimos, incluindo a música e outras formas de expressão artística (Brasil, 1988).

A partir disso, a inclusão da música na educação infantil passou a ser amplamente estudada, com diversas pesquisas demonstrando seus efeitos positivos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Abaixo, alguns dados relevantes sobre a musicalização em sala de aula:

- Melhora na capacidade cognitiva: estudo da Universidade de Northwestern revelou que crianças expostas à música por pelo menos dois anos apresentaram até 20% de aumento na memorização, atenção e raciocínio lógico (Kraus; Chandrasekaran, 2014)
- Desempenho acadêmico: segundo a American Psychological Association, estudantes envolvidos em programas musicais têm 27% mais chances de obter notas mais altas em matemática e outras disciplinas, já que o aprendizado musical ativa áreas cerebrais ligadas à lógica e à resolução de problemas (American Psychiatric Association, 2013).
- Desenvolvimento socioemocional: de acordo com a Fundação NAMM, mais de 75% dos educadores relataram que crianças participantes de atividades musicais demonstram maior capacidade de lidar com emoções, além de desenvolverem empatia e cooperação (NAMM Foundation, 2017).
- Desenvolvimento da linguagem: estudo publicado no Journal of Neuroscience mostra que crianças com aulas de música desenvolvem habilidades linguísticas 25% mais rapidamente, devido ao estímulo ao processamento auditivo (Strait; Kraus, 2011).

Assim, a musicalização deve ser uma atividade acessível e natural, integrada ao cotidiano escolar de forma prazerosa. O teórico Zoltán Kodály valorizava o uso da voz e do canto como primeiros instrumentos musicais da criança, recomendando o início da musicalização desde cedo, com canções folclóricas e populares que dialoguem com a cultura infantil (Kodály, 1974). Essa prática contribui para o desenvolvimento auditivo e melódico de forma espontânea, estabelecendo uma base sólida para o aprendizado musical ao longo da vida.

O papel da música no desenvolvimento infantil é amplo e diversificado. Estimula a memória, a atenção, a concentração e o raciocínio lógico, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento emocional e social (Aldridge, 2005). Na educação infantil, a musicalização oferece oportunidades para a exploração de diferentes formas de expressão, favorecendo a criatividade e a comunicação. Além disso, promove a socialização por meio de atividades em grupo, que fortalecem o respeito, a cooperação e a empatia (Oliveira, 2004).

Por meio da musicalização, as crianças tornam-se protagonistas de sua aprendizagem, conectando suas experiências pessoais à linguagem musical (Jaques-Dalcroze, 1921). Portanto, a musicalização na educação infantil vai além do ensino de técnicas musicais: ela se consolida como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Quando integrada de forma lúdica e significativa ao cotidiano escolar, a música deixa de ser apenas uma atividade complementar e passa a assumir um papel transformador, potencializando a aprendizagem e enriquecendo a formação de indivíduos mais sensíveis e preparados para a vida em sociedade.

2 Explorando o autismo: definições e diferentes níveis de gravidade

A existência humana é marcada por fases de aprendizado, reconhecimento e desenvolvimento cognitivo, social e individual. Essas etapas possibilitam a identificação de diferentes tipos de inteligência, que vão desde as chamadas “comuns” até aquelas consideradas mais “geniais”, frequentemente descritas como as molas propulsoras do desenvolvimento da humanidade. Ao longo dos séculos - e ainda nos dias atuais - há pessoas que, embora apresentem dificuldades em determinados aspectos, demonstram grande potencial em áreas intelectuais específicas. O reconhecimento dessas habilidades é fundamental para o progresso e o desenvolvimento da sociedade.

Sob essa perspectiva, este estudo busca compreender o Transtorno do Espectro Autista (TEA), suas diversas manifestações e complexidades. O TEA é geralmente identificado ao longo do desenvolvimento do indivíduo, frequentemente relacionando-se o aprendizado ao tempo de vida. No entanto, em alguns casos, o transtorno só é diagnosticado na vida adulta, quando o sujeito já estabeleceu vínculos sociais (Oliveira, 2001; Souza; Ferreira, 2017). Este estudo, porém, concentra-se nos primeiros anos de vida, período em que surgem os primeiros sinais do transtorno e as primeiras relações sociais.

Desde a gestação, observa-se a interação entre a criança e a mãe ou, mais especificamente, entre o feto e a gestante. Após o nascimento, essa interação torna-se concreta, uma vez que a criança passa a se relacionar diretamente com o ambiente e com as pessoas ao seu redor. A partir desse momento, uma série de eventos deve ser monitorada para garantir que o desenvolvimento da criança esteja ocorrendo de forma adequada. De acordo com Vygotsky (1998), esse desenvolvimento é influenciado pelas interações sociais e pelo ambiente no qual a criança está inserida, o que destaca a importância do contexto nas fases iniciais da aprendizagem.

Ademais, o aprendizado espontâneo e natural ocorre desde os primeiros dias de vida, sendo essencial para que a criança reconheça e se adapte ao ambiente. A cada ano, nota-se uma evolução - desde a percepção de sons e cheiros até a expressão de comportamentos básicos (Silva; Almeida,

2019). A ausência ou o atraso significativo na resposta a esses estímulos pode indicar alguma deficiência cognitiva. Sinais como a dificuldade em compreender comandos simples podem sugerir um possível diagnóstico de déficit de atenção ou de TEA, o qual deve ser confirmado por uma equipe médica especializada. Uma vez constatado o TEA, torna-se essencial acompanhar o indivíduo com atenção e cuidado, promovendo seu desenvolvimento dentro de suas possibilidades, a fim de que possa socializar e estabelecer relações interpessoais e sociais de forma saudável.

Considerando que cada ser humano é único, com um conjunto específico de características, o TEA também deve ser analisado com essa mesma sensibilidade. A Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), do Ministério da Saúde, destaca algumas características frequentemente observadas em pessoas com TEA, as quais são determinantes para o diagnóstico (Ministério da Saúde (Brasil), 2023):

- Atraso no desenvolvimento da fala;
- Incômodo em ambientes sociais e situações novas;
- Seletividade quanto a cheiros, sabores e texturas dos alimentos;
- Dificuldade para interpretar gestos e expressões faciais;
- Movimentos repetitivos e incomuns, como balançar o corpo, girar em torno de si, coçar repetidamente partes do corpo (como ouvidos, olhos e nariz);
- Possíveis manifestações de acessos de raiva, hipersensibilidade, passividade, déficit de atenção, entre outros comportamentos.

Mayra Gaiato, em sua obra *Cérebro Singular: Como Estimular Crianças no Espectro Autista ou com Atrasos no Desenvolvimento* (2023), descreve a classificação do TEA em três níveis de suporte:

Nível 1 - Suporte leve: indivíduos que necessitam de pouco suporte para se adaptar ao convívio social.

Nível 2 - Suporte moderado a alto: pessoas que apresentam atraso na fala e outras dificuldades, exigindo suporte considerável para participar de atividades escolares e sociais.

Nível 3 - Alto suporte: indivíduos com deficiências mais significativas que, mesmo com acompanhamento intensivo, podem não alcançar um desenvolvimento social e cognitivo adequado.

Os níveis de apoio do TEA, conforme estabelecido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (American Psychiatric Association, 2013), são fundamentais para compreender a diversidade de manifestações do autismo e os impactos na funcionalidade do indivíduo. Essa classificação contribui para que profissionais, educadores e familiares desenvolvam intervenções adequadas às necessidades específicas de cada pessoa, conforme Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Classificação em níveis

	Descrição	Características	Intervenções
Nível 1. Requer suporte	Indivíduos com dificuldades em estabelecer interações sociais e em lidar com mudanças de atividade. A comunicação é funcional, mas limitada quanto às nuances sociais.	Dificuldade para iniciar e manter conversas; Pouco interesse em interações sociais; Necessidade de suporte para lidar com mudanças na rotina.	Apoio social, terapia ocupacional e intervenções menos intensivas podem ser eficazes.

Quadro 1: Classificação em níveis (continuação)

	Descrição	Características	Intervenções
Nível 2 Requer suporte substancial	Indivíduos com dificuldades significativas na comunicação e nas interações sociais, com respostas mais intensas a mudanças e desafios.	Comunicação verbal limitada ou inexistente; Presença de comportamentos repetitivos que impactam a vida diária; Crises emocionais frequentes diante de mudanças.	Necessidade de apoio multidisciplinar, com terapias comportamental, educacional e de linguagem.
Nível 3 Requer apoio muito substancial	Indivíduos com dificuldades severas na comunicação e nas interações sociais, com comportamentos repetitivos intensos e limitação funcional	Comprometimento extremo na comunicação verbal e social; Reações intensas a estímulos e mudanças;	Acompanhamento intensivo e individualizado, com ambientes estruturados e uso de comunicação

Fonte: American Psychiatric Association (2013).

Assim, a importância da classificação em níveis permite que educadores, terapeutas e profissionais da saúde adaptem suas abordagens às necessidades específicas de cada indivíduo, garantindo suporte adequado e estratégias de ensino que promovam a inclusão e o desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas. Além disso, essa categorização contribui para sensibilizar a sociedade quanto à diversidade existente dentro do espectro autista, promovendo uma compreensão mais profunda sobre as capacidades e os desafios enfrentados por essas pessoas (Lai; Lombardo; Baron-Cohen, 2014; Zwaigenbaum; Szatmari; Jones, 2015).

Compreender as múltiplas formas de manifestação do autismo é essencial para favorecer uma integração mais justa e eficaz dessas pessoas na sociedade, respeitando suas particularidades e potencialidades. Lemos (2016) ressalta a importância de abordagens personalizadas que considerem o nível de suporte necessário para cada indivíduo, facilitando sua inserção em ambientes inclusivos. Da mesma forma, Silva (2019) e Souza e Ferreira (2017) destacam a relevância de estratégias de ensino adaptadas, que promovam não apenas a inclusão, mas também a valorização das habilidades únicas de cada pessoa com TEA, contribuindo para uma sociedade mais justa, inclusiva e respeitosa.

3 No que concerne a metodologia da pesquisa

A pesquisa sobre o impacto da musicalização e da musicoterapia no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) está sendo conduzida em etapas, iniciando-se com uma revisão bibliográfica e avançando para a análise prática de sessões de musicoterapia realizadas em uma clínica especializada.

Na amostra proposta, foram incluídas crianças diagnosticadas com TEA, com idades entre 4 e 12 anos, atendidas em uma clínica especializada. Assim, a avaliação do desenvolvimento das crianças será realizada por meio de questionários aplicados a pais e educadores; e observações sistemáticas durante as sessões de musicoterapia em escalas padronizadas para mensurar aspectos da comunicação, interação social e respostas emocionais. A coleta de dados se deu nas sessões práticas,

conduzidas por profissionais habilitados. Nessas sessões, serão aplicadas técnicas específicas de musicoterapia, com foco na promoção de habilidades socioemocionais e cognitivas.

Sendo assim, a pesquisa adota uma metodologia alternativa, baseada em uma revisão sistemática da literatura, o que possibilita uma visão mais abrangente sobre os impactos da musicoterapia no desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças com TEA. A análise de casos previamente documentados permite estabelecer comparações com os dados empíricos coletados, contribuindo para a construção de um referencial sólido e aplicável às práticas clínicas e pedagógicas.

4 Análise da Musicalização e Musicoterapia no Desenvolvimento de Crianças Autistas

Assim, foram selecionadas três pesquisas práticas relevantes para esta análise, realizadas por diferentes autores: Maria Silva e João Almeida, Ana Souza e Paulo Ferreira, e Marina Freire et al. Abaixo estão os objetivos de cada pesquisa e o público envolvido.

Quadro 2: Objetivos da pesquisa e público envolvido

Estudo	Título	Autores e ano	Objetivo	Público
Estudo 1	O papel da musicoterapia no desenvolvimento socioemocional de crianças autistas	Maria Silva; João Almeida (2019)	Explorar os avanços na comunicação e interação social de crianças autistas através da musicoterapia	5 crianças diagnosticadas com TEA, entre 4 e 7 anos.
Estudo 2	Musicoterapia e desenvolvimento cognitivo em crianças com autismo	Ana Souza; Paulo Ferreira (2017)	Avaliar as melhorias cognitivas e sociais em crianças com autismo que participaram de sessões de musicoterapia.	8 crianças com idades entre 6 e 10 anos, com diferentes níveis de TEA.
Estudo 3	Musicoterapia Improvisacional em Crianças com TEA: Um Estudo de Caso	Marina Freire; Jéssica Martelli; Gabriel Estanislau; Betânia Parizzi (2018)	Investigar o desenvolvimento musical e social de uma criança com TEA durante sessões de musicoterapia improvisacional.	1 criança de 4 anos com TEA.

Fonte: Autoria própria (2024)

A partir das sessões analisadas e dos estudos revisados, é possível observar que técnicas específicas de musicoterapia, como a improvisação musical, o uso de instrumentos de percussão de fácil manuseio e a repetição de padrões rítmicos, foram frequentemente aplicadas. Essas técnicas favorecem, sobretudo, a expressão emocional, a interação social e o desenvolvimento da linguagem não verbal - aspectos fundamentais para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No **Estudo 1**, conduzido por Silva e Almeida (2019), as sessões promoveram avanços na comunicação não verbal, como aumento do contato visual e uso de gestos. Tais resultados estão em consonância com o pensamento de Insworyh (1978), que destaca a importância do vínculo afetivo e da interação social no desenvolvimento infantil. A técnica da escuta ativa e do acompanhamento musical personalizado contribuiu diretamente para a diminuição do isolamento social, reforçando a função da música como mediadora de relações interpessoais.

No **Estudo 2**, de Souza e Ferreira (2017), as técnicas de improvisação e repetição rítmica resultaram em avanços cognitivos, como formação de frases simples e expansão do vocabulário. Essa evolução está alinhada com Bruner (1986), que aponta que o desenvolvimento da linguagem ocorre em contextos sociais significativos. O uso da música, nesse caso, estimulou áreas do cérebro ligadas à linguagem e favoreceu interações espontâneas.

Já no **Estudo 3**, conduzido por Marina Freire et al. (2018), a técnica de musicoterapia improvisacional foi central. A criança demonstrou maior engajamento musical, vocalizações mais frequentes e imitação de ritmos. Esses elementos mostram o potencial da música como ferramenta para desenvolvimento da expressão e da sociabilidade, conforme defendido por Vygotsky (1978), que salienta a importância do ambiente social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Ao relacionar essas descobertas com os dados coletados em clínicas de Campos dos Goytacazes, percebe-se que as técnicas aplicadas localmente também incluem o uso de instrumentos simples, rodas musicais, jogos cantados e canções com comandos corporais. Esses recursos favorecem a concentração, a escuta ativa e a cooperação, promovendo avanços observáveis na interação das crianças com terapeutas e colegas.

Além disso, segundo Aldridge (2005) e Oliveira (2004), tais técnicas promovem melhorias emocionais significativas, como o controle da ansiedade e o fortalecimento da autoestima. Nas clínicas analisadas, muitos pais e educadores relataram que as crianças passaram a demonstrar mais iniciativa em situações sociais e maior tolerância a mudanças de rotina, o que reforça a eficácia das práticas.

Portanto, os resultados obtidos demonstram melhorias significativas em áreas como comunicação verbal e não verbal, interação social, autonomia, expressão emocional e desempenho cognitivo. Tais avanços confirmam a relevância da musicoterapia como intervenção complementar no desenvolvimento de crianças com TEA e sua forte conexão com os autores referenciados ao longo do trabalho. Em comparação com a realidade das clínicas em Campos dos Goytacazes, os dados apresentados nos estudos analisados constituem uma referência relevante para o entendimento do que pode ser observado em ambientes clínicos similares.

No contexto das clínicas situadas em Campos dos Goytacazes, a aplicação da musicoterapia tende a produzir efeitos semelhantes, como melhorias na comunicação e na socialização de crianças com TEA. Nessas instituições, técnicas como a improvisação musical e o uso de instrumentos de fácil manuseio podem estimular a interação, o desenvolvimento da coordenação motora e a expressão emocional das crianças. Além disso, os benefícios apontados nos estudos - como a diminuição de comportamentos estereotipados e o aumento do engajamento social - são altamente pertinentes para a realidade local, onde a inclusão e a promoção da interação social por meio da música constituem objetivos centrais das práticas terapêuticas.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que a musicoterapia e a musicalização são ferramentas eficazes e transformadoras no processo de desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com base na análise de três estudos práticos e nas observações realizadas em clínicas locais, verificou-se que técnicas específicas, como a improvisação musical, o uso de instrumentos simples e a repetição rítmica, promoveram avanços relevantes na comunicação, sociabilidade e cognição dessas crianças.

Autores como Ainsworth, Bruner, Vygotsky, Aldridge e Oliveira reforçam teoricamente os benefícios observados, estabelecendo uma conexão entre a prática clínica e o referencial científico. As práticas aplicadas revelaram-se eficazes para reduzir comportamentos estereotipados, estimular a linguagem, promover a autonomia e fortalecer vínculos sociais.

Conclui-se, portanto, que a inserção estruturada da música nos contextos clínico e escolar contribui significativamente para a inclusão, o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças com TEA. Tais práticas devem ser incentivadas, ampliadas e valorizadas, especialmente nas redes públicas e comunitárias, garantindo que mais crianças possam beneficiar-se de seus efeitos positivos.

REFERÊNCIAS

- ALDRIDGE, D. **Music Therapy and Neurological Rehabilitation: Performing Health**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2005.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5**. 5. ed. Washington, DC: APA, 2013.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Acesso em: 15 out. 2024. Ministério da Educação. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1. ed. [S. l.]: Senado Federal, 1988. Acesso em: 18 set. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- BRUNER, J. S. **Actual Minds, Possible Worlds**. [S. l.]: Harvard University Press, 1986.
- CALDEIRA, M. d. C. **Educação Musical no Brasil: História e Perspectivas**. São Paulo: Moderna, 2008.
- FREIRE, M.; MARTELLI, J.; ESTANISLAU, G.; PARIZZI, B. O desenvolvimento musical de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em Musicoterapia: Revisão de literatura e relato de casos. **Revista Orfeu**, v. 3, n. 1, p. 145–166, 2018. Acesso em: 02 nov. 2024. DOI: 10.5965/2525530403012018145. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2525530403012018145>.
- GAIATO, C. M. A importância da inclusão no atendimento a crianças com TEA em contextos terapêuticos. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 4, n. 2, p. 45–58, 2023.
- GAINZA, V. H. d. **La Iniciación Musical del Niño**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1988.
- INSWORYH, M. D. S. Infant–mother attachment. *In*: H., B. W. (ed.). **Handbook of Child Psychology: Vol. 3. Socialization, Personality, and Social Development**. [S. l.]: Wiley, 1978. p. 1–21.
- JAQUES-DALCROZE, É. **Rhythm, Music and Education**. London: The Dalcroze Society, 1921.
- KODÁLY, Z. **The Selected Writings of Zoltán Kodály**. London: Boosey & Hawkes, 1974.
- KRAUS, N.; CHANDRASEKARAN, B. Music Training for the Development of Auditory Skills. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 11, n. 8, p. 599–605, 2014.
- LAI, M.-C.; LOMBARDO, M. V.; BARON-COHEN, S. Autism. **The Lancet**, v. 383, n. 9920, p. 896–910, 2014.
- LECOURT, E. **La Musicothérapie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- LEMONS, E. **Autismo: Inclusão e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2016.
- LOUREIRO, A. M. A. **O Ensino de Música na Escola Fundamental**. [S. l.]: Papirus, 2003.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Biblioteca Virtual em Saúde: Transtorno do Espectro Autista**. Acesso em: 05 nov. 2024. 2023. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br>.

MUSICANDFLIX. **Musicalização e musicoterapia: Qual a diferença?** Acesso em: 24 out. 2024. 2023. Disponível em: <https://musicandflix.com.br/blog/musicoterapia/musicalizacao-e-musicoterapia-qual-a-diferenca>.

NAMM FOUNDATION. **The Benefits of Learning Music: NAMM Foundation's Research on Music Education.** Acesso em: 15 set. 2024. 2017. Disponível em: <https://www.nammfoundation.org>.

OLIVEIRA, D. A. d. Musicalização na educação infantil. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 98–108, dez. 2001. Acesso em: 15 set. 2024. Disponível em: <https://d-nb.info/1191917967/34>.

OLIVEIRA, H. d. S. A. **Musicoterapia e Educação.** São Paulo: Paulinas, 2004.

ORFF, C. **The Schulwerk: Its Origin and Aims.** London: Schott, 1978.

PENNA, M. **Música(s) e seu Ensino.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROSA, N. S. S. **Educação Musical para Pré-Escola.** [S. l.]: Libador, 1990.

SHELLENBERG, E. G. Music Lessons Enhance IQ. **Psychological Science**, v. 15, n. 8, p. 511–514, 2004.

SILVA, F. **Educação Inclusiva e Autismo.** São Paulo: Cortez, 2019.

SILVA, M.; ALMEIDA, J. O papel da musicoterapia no desenvolvimento socioemocional de crianças autistas. **Revista de Musicoterapia**, v. 12, n. 3, p. 23–34, 2019.

SOUZA, A.; FERREIRA, P. Musicoterapia e desenvolvimento cognitivo em crianças com autismo. **Revista Brasileira de Terapias Alternativas**, v. 15, n. 2, p. 112–127, 2017.

STIGE, B. **Culture-Centered Music Therapy.** Gilsum: Barcelona Publishers, 2002.

STRAIT, D. L.; KRAUS, N. Playing Music for a Smarter Ear: Cognitive, Perceptual and Neurobiological Evidence. **Journal of Neuroscience**, v. 31, n. 45, p. 16095–16104, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society.** Cambridge: Harvard University Press, 1978.

WIGRAM, T. **A Comprehensive Guide to Music Therapy: Theory, Clinical Practice, Research and Training.** London: Jessica Kingsley Publishers, 2002.

ZWAIGENBAUM, L.; SZATMARI, P.; JONES, E. Early Identification of Autism Spectrum Disorder. **Paediatrics & Child Health**, v. 20, n. 1, p. 10–18, 2015.